

ÉTICA AMBIENTAL: UMA ANÁLISE DE INTEGRAÇÃO “DEUS – SER HUMANO – NATUREZA”

Aluna: Vanusa de Oliveira Silva

Orientador: Nilo Agostini

Introdução

O trabalho a seguir é uma continuação de pesquisas realizadas no ano de 2004/05 através do Departamento de Teologia da PUC-Rio, juntamente com o PIBIC/CNPq, sob a orientação do professor Nilo Agostini, cujo objetivo é apresentar um novo foco do mesmo tema já pesquisado.

A presente pesquisa foi dividida em três partes: a primeira é de caráter panorâmico, para que o leitor entre em contato, mesmo que brevemente, com o que foi desenvolvido na pesquisa anterior; a segunda traz um caráter específico, onde serão abordados mais claramente os problemas sócio-ambientais e sua ligação com o carisma franciscano; e a terceira é a conclusão da pesquisa como um todo.

Na primeira análise, nos deparamos com a problemática ambiental dentro da perspectiva espiritual, e agora seguimos com a perspectiva social, sob o olhar da Ética Ambiental, e não mais do Ecocentrismo, pois de acordo com a conclusão apresentada na pesquisa anterior julgamos esta visão inadequada à nossa principal meta teo-filosófica, que é uma integração entre Deus – ser humano – natureza.

O Meio Ambiente é vítima diária de abusos por parte do ser humano, que está debilitado no que diz respeito à espiritualidade e, no entanto, também se julga explorado pelo sistema massacrante e perverso que é o capitalista neoliberal.

Julgamos de suma importância uma análise do problema sócio-econômico, que atinge milhares de cidadãos do mundo e dos problemas ecológicos, objeto desta pesquisa. Esperamos que ela possa ser útil às pessoas interessadas nesta temática, como foi para nós, no contato mais direto com os materiais citados na bibliografia.

1. Panorama das visões vivenciadas pelo ser humano

O ser humano passou por longas transformações comportamentais ao longo de sua existência na face da Terra. Hoje identificamos um caos e uma desordem que se instalaram tanto no que diz respeito às práticas morais e sociais quanto à sua relação com a natureza e o Transcendente. O que ocorreu?

Este ser tão maravilhoso e tão misterioso já passou pelas perspectivas cosmocêntrica, teocêntrica, antropocêntrica e técnico-científica. Mas o que seriam e/ou significam estas visões?

1.1. As diferentes visões e seus significados

O mundo *cosmocêntrico*, no qual o ser humano esteve inserido, é um mundo cheio de magia e mistério, pois os povos “primitivos” concebiam todos os fenômenos naturais como inseridos no campo da fantasia e antropomorficação. Tudo que se apresenta na natureza é explicado pelo mito, que por sua vez possui um vasto conteúdo panteístico.

“Os mitos cosmobiológicos e sua simbólica exprimem a experiência da solidariedade do homem com o mundo, situam-se no plano horizontal da participação do homem na natureza, na estrutura e leis do cosmo. Trata-se sempre de uma experiência, e não de um raciocínio, como é interpretado por Comte e pelo positivismo racionalista; mas é a experiência não da transcendência do Outro, e sim da imanência do mundo num sentido puramente existencial, isto é, da consciência de uma estrutura comum e, por conseguinte, de uma integração do sujeito no todo da vida.”¹

O modo pelo qual estes povos antigos explicavam os fenômenos que ocorriam diante dos seus olhos era através de si mesmos, do que eles conheciam. A partir das próprias experiências enquanto seres humanos é que explicavam os fenômenos, isto é, eles se projetavam utilizando como instrumento as visões antropomórficas e animísticas.

O resultado negativo deste processo é o medo que está diretamente ligado ao fato de um trovão, por exemplo, ser explicado como ira dos deuses e não pelas explicações meteorológicas que possuímos hoje. Tudo gira em torno do “cosmos”, mas como se fosse um ser capaz de agraciar ou castigar dependendo das ações que os humanos praticassem.

Já no *teocentrismo*, o homem não temia mais a natureza. Embora ela não tenha sido totalmente dessacralizada, pois havia um respeito muito forte ainda para com ela, esta certamente não era mais o centro das atenções; o mundo agora girava em torno de um único Deus.

¹ SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do mundo**: cosmologia filosófica. Tradução Alexander A. MacIntyre. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.37.

*“O repúdio à visão mítica e mágica e a representação politeísta e antropomórfica da divindade não significa a rejeição da religião, mas, pelo contrário, a sua purificação e elevação; a própria ciência e a filosofia, entendidas como a busca racional das causas naturais no seu concatenamento lógico e ontológico, prolongam-se coerentemente no mesmo caminho até alcançarem a causa última, a realidade suprema, a divindade como fundamento do universo, revalorizando assim, pela via da razão, o significado mais profundo e mais verdadeiro do mito.”*²

Durante séculos, houve a predominância teocêntrica. Tudo podia ser respondido dentro da perspectiva de Deus, se assim Ele permitisse. Porém, aos poucos uma nova visão emergente capta as verdades imutáveis provenientes desta visão como insuficientes para responder aos fenômenos naturais; abre-se um novo espaço à visão *científica*, pois tudo nela é explicado e testado; nesta visão, não existe uma resposta definitiva para nada; tudo está sendo descoberto o tempo todo.

*“Isto não no sentido de ser a época moderna essencialmente atéia e anti-religiosa, mas no sentido de querer distinguir e separar completamente a religião de todas as outras atividades não diretamente religiosas, de querer prescindir da religião no desenvolvimento do pensamento lógico e da ciência e das suas aplicações, assumindo em certo sentido uma atitude neutra.”*³

É aí que Deus perde espaço para a Ciência e para o Homem. O ser humano esquece-se de algo que é inerente ao seu próprio ser, a dimensão religiosa e transcendente, fazendo até mesmo interpretações indevidas da Bíblia que possam justificar seus atos insanos e desrespeitosos para com a natureza. É neste contexto que surge a visão *antropocêntrica*.

*“Tais autores fundamentalistas esquecem de olhar para o capítulo 2 do Gênesis, em que aparecem no versículo 15 a seguinte frase: “**Javé Deus tomou o Homem e colocou-o no jardim paradisíaco do Éden de delícias para o cultivar e guardar**”. Olhar o mundo bíblico*

² Ibid, p. 43

³ Ibid, p. 44

*com olhos capitalistas e fundamentalistas é fazer um anacronismo eticamente incorreto, gerando assim desconfiança e acusação injusta na maneira histórica de agir do cristianismo diante da questão ecológica.”*⁴

Agora, na visão antropológica, o ser humano se vê como a melhor dentre as demais criaturas devido à sua racionalidade, linguagem, desenvolvimento matemático e toda a sua estrutura organizacional, política e social. O homem tem consciência dos seus atos e da própria existência, enquanto que os demais animais simplesmente vivem, se reproduzem e morrem.

Este tipo de mentalidade levou, no entanto, o ser humano a uma falta de sensibilidade e respeito para com a natureza. Nesta visão, o homem, enquanto animal superior, arroja-se a dominar, conhecer, explorar e desvendar a natureza que só é vista enquanto está a serviço do ser humano. Afinal de contas, durante muito tempo se pensou que o homem era o ápice da criação divina e que a natureza que o cerca foi criada justamente para receber esta criatura tão especial que é imagem e semelhança de Deus, não tendo um sentido em si mesma.

Como vimos, na visão antropocêntrica, já não era mais a religião que ditava as regras e dava sentido aos fenômenos. Mesmo assim, o ser humano vai buscar as explicações teleológicas dos fenômenos mundanos, das quais a humanidade necessitava, através das ciências.

Entretanto, há por parte de alguns segmentos de proteção ambiental a acusação de que foi a mentalidade cristã que levou à problemática ecológica que estamos vivenciando hoje. Porém, há um desmentido desta acusação por parte de renomados teólogos que estudam as problemáticas ecológicas e antropológicas.

A passagem bíblica de Gn 1,28 é tradicionalmente traduzida por **“crescei e dominai a terra”** e atribuída ao homem, principalmente ocidental, por sua irresponsabilidade, dominação e exploração sobre a natureza. No entanto, o que vemos, na realidade, é que esta interpretação não condiz com as verdadeiras tradições hermenêuticas desta passagem.

“Ao fazermos o resgate do sentido bíblico dos termos ‘subjugar’ e ‘dominar’ (kabas), usados em Gn 1,28, damos-nos conta que eles apontam, na verdade, para essa dimensão relacional. ‘Subjulgar’ significa geralmente ‘tomar posse’, ‘dar proteção’, ‘amparar’,

⁴ SIQUEIRA, Josafá C. de. **Ética e meio ambiente** : São Paulo, Loyola, 1998, p.36.

‘proteger’, sentido este que ocorre também em Sl 8,7 e Js 18,1, mesmo que possa igualmente significar ‘reprimir’ e até ‘violentar uma mulher’. E o termo ‘dominar’ (radah), presente no relato do Gênesis, ‘aponta antes de mais nada para o ideal de dominação comum no Antigo Oriente, o do bom pastor.’ ⁵

Há, sem dúvida, uma má interpretação do livro do Gênesis e normalmente isto se dá por causa de fundamentalismos, isto é, interpretações soltas, literais e conclusões sem um embasamento teológico consistente.

Ao contrário do que se pensa, o Livro da Criação – o Gênesis – não foi incentivo algum para que o homem agisse de forma arrogante e irresponsável perante a natureza. A Bíblia aponta para um «domínio responsável». E mesmo porque os verbos utilizados no Hebraico e que foram traduzidos tradicionalmente por “dominar” e “submeter” não correspondem ao sentido original dos verbos empregados conforme nos mostra Garcia Rubio: *“Todvia, convém notar que ultimamente surgiram dúvidas a respeito da exatidão desta tradução. De fato, parece que ‘tomai posse da terra’ seria uma outra tradução possível, segundo alguns exegetas. O texto aludiria, assim, ao direito de cada povo de instalar-se no próprio território, enquanto que domínio sobre os animais teria o sentido apenas de domesticá-los a serviço do homem.”* ⁶

O ser humano não precisa legitimar através da Bíblia seus atos abusivos para com a natureza. Foi sua arrogância e falta de cuidado que fizeram com ele instrumentalizasse tudo, até o seu próximo. E é por esta razão que os problemas ecológicos estão profundamente ligados à doença que afeta o próprio homem. Não é natureza que se encontra doente, ou melhor, a natureza adoeceu por causa do homem, como resultado desta grave doença que o assola.

“Os problemas do homem estão interligados, eles oferecem uma sintomatologia que aponta para um mal profundo, situado no próprio homem. Propriamente falando, não é a

5 AGOSTINI, Nilo: *A crise ecológica: o ser humano em questão* In: **Herança franciscana**. Alberto da Silva Moreira (org.). Petrópolis: Vozes, 1996, p. 234.

6 GARCIA RUBIO, Alfonso: *O ser humano em seu meio ambiente*. In: **Unidade na Pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001, p. 549.

*natureza que está doente, mas o ser humano. Ou melhor, a natureza adoeceu, por causa do homem, como resultado da grave doença que afeta o homem ...”*⁷

E foi dentro da visão técnico-científica que este problema se acentuou mais, pois o homem moderno e ocidental fechou as portas para a subjetividade, ficou separado dos outros seres humanos e do mundo da natureza. Esta situação vai além de um antropocentrismo, pois ela se caracteriza na visão de que “nós, por sermos seres racionais, somos superiores as demais espécies”. Já na visão técnico-científica esta coletividade é negada, jamais existiria o “nós”. O homem técnico-científico tem uma postura mais “egocêntrica”. O outro, seu semelhante, não é parte de si, muito pelo contrário, o outro representa uma ameaça a sua própria existência. Daí é que vem a idéia de “oprimir” e “coisificar”, tanto o outro quanto a natureza.

1.2 A crise do ser humano: a necessidade de uma ética ambiental

Constatamos que muitos dos problemas ecológicos no mundo provêm de uma série de deficiências do “humano”, o que aponta para uma crise do ser humano. Para que este se torne, de fato, humano, é mister que ele cultive a integralidade do seu ser. Ou seja, nem ignorar a sua racionalidade, os benefícios das ciências e tecnologias, nem tornar-se um ser fechado à subjetividade, ao Transcendente e à sua íntima relação de “dependência” (cadeia, rede) para com a natureza.

*“Carecemos de uma sociedade sustentável que encontre para si o desenvolvimento viável para as necessidades de todos. O bem-estar não pode ser apenas social, deve ser também sócio-cósmico. Ele tem de atender aos demais seres da natureza, como as águas, as plantas, os animais, os microorganismos, pois todos juntos constituem a comunidade planetária, na qual estamos inseridos, e sem os quais nós mesmos não viveríamos.”*⁸

E foi por esta razão que buscamos dentro do *ecocentrismo* uma resposta aos anseios atuais, já que o ser humano precisa de uma nova perspectiva para se guiar. Entretanto, a visão ecocêntrica só nos resgata uma parte do todo, um lado da moeda, isto é, que a natureza não deve ser instrumentalizada e explorada ao bel-prazer do ser humano.

⁷ Ibid, p. 539.

⁸ PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. de. P. de. Problemas atuais de Bioética. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 337.

O ecocentrismo às vezes se assemelha à corrente da “*Deep Ecology*”, pois parece impor a natureza sobre o ser humano, o que, de fato, não deve acontecer. Porém, o mais grave nesta corrente é o fato de só apontar e ver negatividade no ser humano. É como se o ser humano fosse composto de pura perversidade a partir da própria evolução. A mente humana foi se constituindo como puramente maléfica. No entanto, o que precisamos é apenas de um resgate da dimensão do «cuidado» para com a mãe Terra, de onde tiramos nossos alimentos, onde é nossa morada e que participa do mistério divino enquanto criação.

*“Há em nós instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. Na mente humana se iniciam os mecanismos que nos levam a uma guerra contra a terra...”*⁹

José Roque Junges julga o “ecocentrismo” por inacabado, pois este pensamento tenta nivelar as coisas homogeneamente. No entanto, parece negar a dimensão espiritual dos seres humanos, mesmo numa relação de dependência para com a natureza ou de inter-relação, como alguns preferem chamar.

Na visão ecocêntrica, o chamado do ser humano, enquanto projeto de Deus, não é esquecido. Porém a impressão que se tem, no entanto, é a de que o ser humano, ao ser denominado de “imagem e semelhança” de Deus, estaria desmerecendo as demais criaturas. O que não é verdade.

*“Os diversos modelos de biocentrismo global ou ecocentrismo são fortemente antiantropocêntricos e holísticos, não tentando fazer analogias entre humanos e não-humanos para defender suas posições... Trata-se de um biocentrismo mais radical, que parte dos conhecimentos científicos da ecologia, do reconhecimento da natureza como um conjunto interdependente e do lugar do ser humano nesse conjunto, para chegar a normas em relação ao meio ambiente.”*¹⁰

O ecocentrismo, apesar de importante, e de ter servido como base para a “Ética Ambiental”, ainda não é a solução para o problema ecológico. Pois não se pode tratar a questão ecológica meramente como tomada de consciência do todo ; está muito além disto.

9 Ibid.

10 JUNGES, José Roque: **Ética ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 27-28.

Estar próximo de Deus, aproximar-se do verdadeiro Cristianismo, como o seguido por São Francisco de Assis, é estar na busca da humildade e respeito para com a criação do Divino. Ser imagem e semelhança de Deus exige mais responsabilidade. É justamente o oposto do que acusam a Igreja Católica. Como vimos, há um grande equívoco na interpretação do Livro de Gênesis.

*“Francisco manifesta-se como o irmão universal. Mostra-se fraternal com todas as criaturas, sejam animais, árvores ou qualquer outro ser vivo; o sol, a lua e as estrelas ou mesmo os elementos essenciais da natureza como ar, água, fogo e terra.”*¹¹

A “Ética Ambiental”, tal como apresentada por Junges, é o caminho pelo qual seguiremos para apresentar uma nova perspectiva ao ser humano atual. Uma visão que respeite a natureza e não a subjulgue, que não a coloque nem acima nem abaixo do ser humano, mas sim que este tenha total consciência do seu chamado espiritual e responsabilidade socio-ambiental.

2. A cura através do “cuidado”

O modelo econômico atual contribui para que mentalidade do ser humano seja cada vez mais egoísta e desumana. A ganância pelo lucro faz com que o indivíduo escravize seu semelhante, explore os recursos naturais de forma desordenada e irresponsável sem se importar com o futuro da humanidade ou das classes desfavorecidas. Até mesmo os que vivem excluídos chegam a reproduzir esta agressão ao Meio Ambiente, que também podem ser verificados no que diz respeito às relações humanas.

Qual a importância de se cuidar do próximo e do planeta Terra? Tanto as grandes indústrias que desrespeitam o Meio Ambiente quanto um simples morador de uma favela devem ter a mesma consciência, a de que temos uma missão a cumprir. E qual seria esta missão? A que Deus nos designou. Vejamos a seguir.

2.1. A missão do “cuidado”

Seguindo a espiritualidade franciscana, esta missão designada por Deus pode ser traduzida desta forma: Nós fomos os últimos a sermos criados antes do descanso sabático e

¹¹ JUNGES, José Roque: **Ecologia e criação**: resposta cristã à crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001, p. 57.

fomos convidados a guardar (cuidar) tudo aquilo que fora criado anteriormente, pois há uma relação de “interdependência” e de irmandade entre os seres humanos e a natureza.

Esta relação existe até mesmo com os seres vivos e não vivos que nos possam parecer mais insignificantes. As minhocas afocam a terra que germina as sementes nos dando as árvores e estas nos dão os frutos. O ciclo vital que sempre se repete nos mostra a importância de cada animal, inseto, planta etc. E o quanto nós, seres humanos, dependemos de cada criatura para sobreviver. Porém, cuidar do planeta só porque dependemos dele não é o suficiente. Precisamos amar cada “serzinho”, cada gota d’água do oceano, cada rocha, cada folha orvalhada.

Esta postura representa ter uma visão romântica e harmoniosa da Criação. Tudo é especial e faz parte do divino, pois foi feito pelas mãos do Criador. Se amássemos a água que é responsável pela nossa vida, não a desperdiçaríamos lavando calçadas; se amássemos os alimentos, não deixaríamos que eles estragassem e fossem para o lixo. E por quê? Porque existe algum próximo meu que necessita do meu amor, respeito, solidariedade, partilha etc.

Quando se vê o mundo com os olhos de São Francisco, tudo é caridade, amor e cuidado. Pois há sempre alguém que precisa de algo, mesmo que não seja material, pelo menos espiritual. E esta é a chave para “curar” ou “salvar” a humanidade, ou seja, o amor, o cuidado.

Importa que nos preocupemos com os esgotos a céu aberto, com as pessoas que dormem enroladas em jornais, com as pessoas que sofrem de solidão etc. A Ética Ambiental chama para esta responsabilidade e nos leva a pensar em termos de uma “ecologia humana”. Como, de que forma isto pode se realizar?

Nós somos os únicos seres que temos consciência da nossa existência, que podemos alterar a vida no planeta para o bem ou para o mal. Somos igualmente seres que temos uma dimensão transcendental e espiritual, inerente a nossa condição humana. Nós somos especiais, sim, por causa dessa dimensão espiritual que nos foi concedida; porém, carregamos em nós também a missão de mantermos a existência de cada criatura, animada ou inanimada, que tem como fonte de vida o próprio Deus.

A administração responsável do planeta não é uma tarefa nada fácil. Durante muito tempo, sempre se pensou que o homem pudesse agir a seu bel-prazer. Mas devido aos desequilíbrios ecológicos, fenômenos como “El niño” e “La niña”, espécies em extinção, desmatamento etc. mostram que é impossível viver sem cuidar daquilo que nos mantém vivos.

A terra é nossa mãe, nosso *oikos*, porém perdemos esta percepção e os correspondentes valores éticos. Estamos vivendo numa a-ética que culmina na crise ecológica e social do

planeta. É o modo de viver, pensar e agir desmedido do ser humano que faz com que vivamos tais acontecimentos negativos.

O cuidado face à natureza requer do ser humano que não se extraia madeira ilegal, que não se explore crianças, que não se pesque no período ilegal, que não se desvie verba pública etc. para agir de maneira correta face a tudo que está a nossa volta, cuidando de tudo. Assim, estaremos cumprindo a nossa missão de maneira responsável.

Devemos dar a devida importância à natureza, mas não somente a ela. Existe o ser humano, com o destaque que lhe é todo próprio. O ser humano não é somente um ser predador e negativo, que só produz coisas para benefício próprio e depreda a natureza. O ser humano é dotado de consciência, capaz de ações responsáveis. Na experiência de fé, sente-se chamado por Deus a um cuidado da natureza toda, o que implica superar toda forma de ganância pelo poder, dinheiro e futilidades.

2.2. A falta de “cuidado” e o problema sócio-ambiental

O progresso e o enriquecimento não podem se fazer às custas das futuras gerações ou das camadas empobrecidas. Se não houver limitação por parte dos governantes ou capitães das indústrias será inevitável a fome e a desgraça.

O problema social e o ambiental estão intimamente relacionados, pois ambos são gerados pelo mesmo ser humano; este carece de cuidados, necessita do seu semelhante. A fome e as condições insalubres contrastam com sua busca voraz de recursos naturais para se beneficiar com altos lucros. São estas pessoas que carecem de uma compreensão do que é ser humano e da clareza de qual é a sua missão.

Certamente aqueles que não fazem parte do grupo que explora a natureza e os seres humanos, mas que possuem hábitos nocivos para a vida do planeta também precisam ser reeducados, como aprender a não soltar balões, não jogar lixo na rua, não construir em área de preservação ambiental, enfim estar ciente do impacto ambiental e social de suas ações etc.

Um comportamento social que respeita a vida biológica no planeta e a harmonia entre os seres vivos e não vivos é o que se espera de um ser humano responsável que atente ao chamado do próprio Deus.

Sabemos que culturas denominadas por alguns de “primitivas” conservam, na verdade, uma profunda relação de amor e cuidado para com a terra. Esta é sagrada, não é comercializada, desmatada ou poluída.

É certo que os povos destas culturas temiam a ira dos deuses, a alma dos ancestrais; porém, o respeito que havia nestas comunidades e que hoje em dia não vemos mais, era – e ainda é – a essência da vida no planeta.

Estes povos viviam numa economia de subsistência e não de exploração. E se formos nos lembrar da carta do cacique Seattle, que é considerada uma das manifestações mais belas de amor à natureza, podemos perceber que eles não separam a vida humana das demais criaturas.

“Somos parte da Terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O cervo, o cavalo e a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, as campinas verdejantes, o calor dos ponys e do ser humano, todos pertencem à mesma família... Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais... Todos participam da mesma respiração... Tudo quanto fere a Terra, fere aos filhos e filhas da Terra. Se os homens cospem no chão, cospem em si próprios... Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si... De uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus.”¹²

O trecho da carta citado está carregada de pureza e humanismo, mas, como dissemos anteriormente, estes povos não fazem diferenciação do seu ser, que é humano, e dos outros seres ou entes, embora tivessem ou vivessem numa realidade que hoje nos parece tão longínqua ou nunca experimentada.

Se pensarmos em São Francisco, veremos que ele também chamava de irmão e irmã tudo o que estava a sua volta e havia sido criado por Deus. Só que a nossa mentalidade - e certamente a do santo de Assis também - é capaz de perceber que, por sermos seres dotados de razão e percepção, muitas vezes atuamos no planeta modificando/alterando as suas formas naturais.

O ser humano fisicamente pode ser “frágil”, sem garras e dentes afiados, sem visão ou audição aguçadas. Entretanto, o homem muda o seu meio para viver de maneira que lhe agrade mais, ou seja, ele é um ser que é capaz de atuar e transformar radicalmente o seu meio ambiente. E isto significa que tanto os problemas ecológicos quanto os sociais são produtos da má administração humana, ou melhor, é uma administração desumana, cruel, depredadora.

¹² Ibid., p. 98-102.

Há também a influência do sistema vigente, o capitalismo neoliberal, onde os capitães da indústria não possuem pátria, sentimento de irmandade para com o seu semelhante e muito menos para com os recursos naturais, que são esgotáveis.

Tudo que há no mundo, tudo que compõem a vida deste planeta, mesmo não sendo um ser vivo, mas que seja responsável pela vida de alguma forma, precisa ser cuidado para continuar existindo e mantendo a vida.

*“Assim como a pior doença é negar a sua existência, de forma semelhante, a pior aberração do cuidado é sua negação. Como consequência, o ser humano se entrega totalmente à lógica do modo-de-ser do trabalho depredador, à vontade de poder sem freios, à autoafirmação com exclusão dos outros e ao mau trato das pessoas, da casa, da coisa pública e de si mesmo.”*¹³

O que devemos fazer cultivar é mais o amor e a solidariedade, pois como já é sabido por muitos, há indícios de que não falta alimento no planeta, mas que é a má distribuição destes que gera a pobreza. E assim ocorre também com as pesquisas e tecnologias através das patentes. No entanto, conforme afirma Junges: *“As dificuldades ecológicas só serão equacionadas com a construção de uma sociedade justa e igualitária, onde a vida, em sentido amplo, seja valorizada e preservada.”*¹⁴

Conclusão

É responsabilidade de cada um de nós cuidarmos da terra, não só por causa dos recursos naturais, mas porque a vida em si é de suma, tanto do seres humanos entre si quanto dos seres humanos com o mundo.

Enxergar o mundo com os olhos de São Francisco de Assis é perceber a beleza da própria existência e lutar contra as injustiças. Embora estejamos sempre enfatizando que tudo foi criado pelas mãos de Deus e faz parte do divino de alguma forma, não significa que neguemos a Ciência e a evolução da espécie. Ambas as teorias, a científica e a criacionista, não são excludentes – embora alguns até pensem assim – e sim complementares. O mundo foi criado por Deus já com vistas para a evolução. Nada escapa dos planos do Senhor.

13 BOFF, Leonardo: **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 160.

14 JUNGES, José Roque: **Ética ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 10.

Talvez não possamos exigir do rico e do pobre a mesma postura ética para com o mundo de hoje. É bem verdade que o pobre carece mais de ajuda do de cobrança, embora ele necessite também de uma mudança de postura no que diz respeito ao meio ambiente. O pobre só é capaz de compreender o mundo depois que as suas primeiras necessidades forem saciadas. Ninguém em situação calamitosa pensaria em questões sociais ou transcendentais com o estômago vazio, pois o próprio organismo dessa pessoa não permitiria que ela se concentrasse em nada. Normalmente o indivíduo pensa primeiro nas suas necessidades mais básicas para depois trabalhar questões mais existenciais, não por falta de capacidade para tanto, e sim por causa de coisas que podem ser classificadas como de prioridade. Isto pode ser verificado nas classes de alfabetização dos lugares mais carentes do todo o país.

Todos nós, seres humanos, estamos numa rede de interdependência com meio em que vivemos. As classes sociais, as etnias e as culturas desses povos pouco importam aqui. São os seres humanos, enquanto espécie, que devem agir de maneira respeitosa e cuidadosa para com a natureza.

O ser humano para respeitar a natureza através de uma boa espiritualidade, atitudes equilibradas, bom senso, não precisa necessariamente acreditar em algo, ser membro de alguma religião ou seita religiosa. A dimensão religiosa que há em nós, é inerente a qualquer ser humano, independente de ser um indivíduo religioso ou não. Esta espiritualidade é o nosso senso de humanidade e humanismo, é o cuidado, é o querer bem, é a dó etc. Não há ser humano que não possua esta dimensão no seu ser.

Se tivermos uma espiritualidade bem trabalhada, um sistema mais justo onde todos tivessem o acesso a tudo, desde uma educação voltada para as políticas sócio-ambientais, até as jornadas de trabalho adequadas e salários bem partilhados, teriam certamente um mundo mais fraterno, mais amoroso, menos violento e injusto.

José Roque Junges acredita que a Ética Ambiental pode se dar através da educação. É a mudança de mentalidade e de postura diante do mundo que gerará indivíduos que busquem alternativas para sanar os mais diversos problemas, os quais vivenciamos hoje. Certamente à medida que estes indivíduos forem solucionando cada questão que nos aflige hodiernamente eles estarão num estado de vida mais tranqüilo e elevado e poderão pensar em questões cada vez mais profundas, já que as práticas que estão, por exemplo, mais relacionadas à fome, à má distribuição de renda e de terra, já estariam solucionadas.

Depois que o indivíduo já estiver sócio-ambientalmente educado ele agirá de maneira tão natural tal qual é hoje fazer o incorreto. Já se tornou um costume jogar papel no chão, pagar o menor salário possível e explorar mais, crianças brincarem torturando animal etc. e à

medida que certas atitudes incorretas deixarem de ser habituais e outros costumes forem sendo introduzidos, a sociedade agirá politicamente correto mesmo que seja apenas por reprodução, pois muitos hábitos não são adquiridos, mas sim imitados.

Temos um meio de minimizar ou curar as nossas deficiências através da Ética Ambiental. Esta postura é bem equilibrada, pensa tanto nos problemas ambientais quanto nos problemas políticos, sócio-econômicos, educacionais e, sobretudo, humanos. Podemos resgatar a nossa humanidade, o amor pela vida, o cuidado com o próximo etc. e também podemos ter uma sociedade mais justa, fraterna e harmoniosa entre todos os seres, vivos e não vivos, da Criação.

Nós podemos transformar, porque agora temos um norte para seguir, basta quisermos mudar esta situação calamitosa que vivenciamos atualmente. Só depende de nós mesmo, seres humanos. Somos os únicos seres que podem atuar no mundo de forma radical, tanto para bem quanto para o mal. Ou seja, a cura está em nossas mãos!

Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos a todos do Departamento de Teologia da PUC-Rio, especialmente ao Frei Nilo Agostini e à secretária Jussara Maria Gonçalves de Oliveira.

Agradeço também a oportunidade a mim concedida durante estes dois anos de pesquisas pelo CNPq/PIBIC/PUC-Rio, meu muitíssimo obrigada!

Dedico esta pesquisa à minha estimada amiga Andréa Cláudia Rodrigues Barbosa e ao meu namorado – e amigo de todas as horas – Estevão Gonçalves Amorim.

Referências

1 - AGOSTINI, Nilo: *A crise ecológica: o ser humano em questão* In: **Herança franciscana**. Alberto da Silva Moreira (org.). Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Ecologia e vida consagrada: por um testemunho ético-profético*. In: **Convergência**. n° 373. Rio de Janeiro: CRB, p. 271-284, 2004.

_____. **Evangelização**: contribuição franciscana. Petrópolis: Vozes, 2000.

2 - BOFF, Leonardo: **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2004.

3 - JUNGES, José Roque: **Ecologia e criação**: resposta cristã à crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Ética ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

4 - KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. Tradução Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1993.

- 5 - LANDIM, Maria Luiza P. F. **Ética e natureza**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2001.
- 6 - MARCONDES, Danilo; JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- 7 - MOLTSMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. Tradução Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993.
- 8 - PAULO VI. **Populorum Progressio**: 12ª edição. São Paulo: Paulinas, 1990.
- 9 - PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. **Problemas atuais de Bioética**. São Paulo: Loyola, p.335-352, 1995.
- 10 - RUBIO, Alfonso García: *O ser humano em seu meio ambiente* In: **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001, p. 534-573.
- 11 - SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do mundo**: cosmologia filosófica. Tradução Alexander A. MacIntyre. São Paulo: Loyola, p. 13-57, 2001.
- 12 - SIQUEIRA, Josafá Carlos de: **Ética e meio ambiente**. São Paulo: Loyola, 1998.
- 13 - VVAA: **Reflexão cristã sobre o meio ambiente**. São Paulo: Loyola, 1992.